

Editorial

O agravamento das condições ambientais globais trouxe, para os meios de comunicação, grande debate mundial acerca do aquecimento global e das mudanças climáticas. Porém, ao concentrarmos nossas preocupações com os destinos do planeta na emissão de gases de efeito estufa, corremos o risco de não perceber outros impactos ambientais negativos associados ao modelo de desenvolvimento atual, os quais podem ser mitigados por intervenções e práticas associadas tanto às soluções técnicas quanto à mobilização social para superação de problemas e conflitos gerados por uma sociedade que, desde a Revolução Industrial, vem deixando de se reconhecer como parte integrante da Natureza. Por vezes, mesmo buscando restaurar essa conexão, há tempos perdida, aqueles que se preocupam com a construção de um mundo melhor sentem-se impotentes perante o poderio econômico das grandes corporações que exploram os recursos naturais ou deles obtêm lucro. No caso do Brasil, que vem adotando, nos últimos anos, práticas de crescimento acelerado, essa sensação aprofunda-se com a implantação de grandes empreendimentos, que direta ou indiretamente afirmam as práticas de exportação das nossas riquezas, paralelas à desestruturação do modo de vida das populações tradicionais, e que são intensivos no consumo de energia, transformada também em mercadoria, o que consolida o nosso país não como modelo de sustentabilidade, mas sim como exportador de matéria e energia, inserido em estratégias globalizadas que reinventam e, ao mesmo tempo, reforçam as relações centro-periferia, características da busca pelo lucro máximo e imediato, que fundamenta as práticas capitalistas. Nesse afã pelo crescimento, desconsideram-se o ambiente, a biodiversidade e os costumes de diversas populações, que não têm, como alguns indivíduos, nem vontade, nem condições financeiras de participar de projetos de colonização interplanetária, que se apresentam a alguns como a melhor alternativa para escapar de um futuro caos socioambiental que possa vir a ameaçar a Terra. Bem, estamos aqui, neste planeta, neste país, nesta região, na qual gostaríamos de permanecer, construindo relações mais justas com os seres humanos e os outros seres! Não pretendemos morar em Marte! Queremos um mundo melhor aqui! Acreditamos que esse mundo requer mudanças de percepção e ressignificação do relacionamento homem-natureza, o qual implicaria necessariamente em mudanças dos padrões de produção e consumo vigentes. Para aqueles que desejam “um mundo novo na Terra”, apresentamos nesta edição do Boletim do Observatório Ambiental Alberto Ribeiro Lamego alguns estudos que podem vir a colaborar com a reflexão acerca dos passos que nos trouxeram até o estado de coisas atual, bem como com o caminhar rumo a outra direção. E quanto àqueles que desejam “fugir do planeta”?

Esperamos também estar colaborando para que mudem de projeto, para que decidam ficar e ajudar na tarefa de juntos buscarmos alternativas de transformação futura! Boa leitura a todos!